

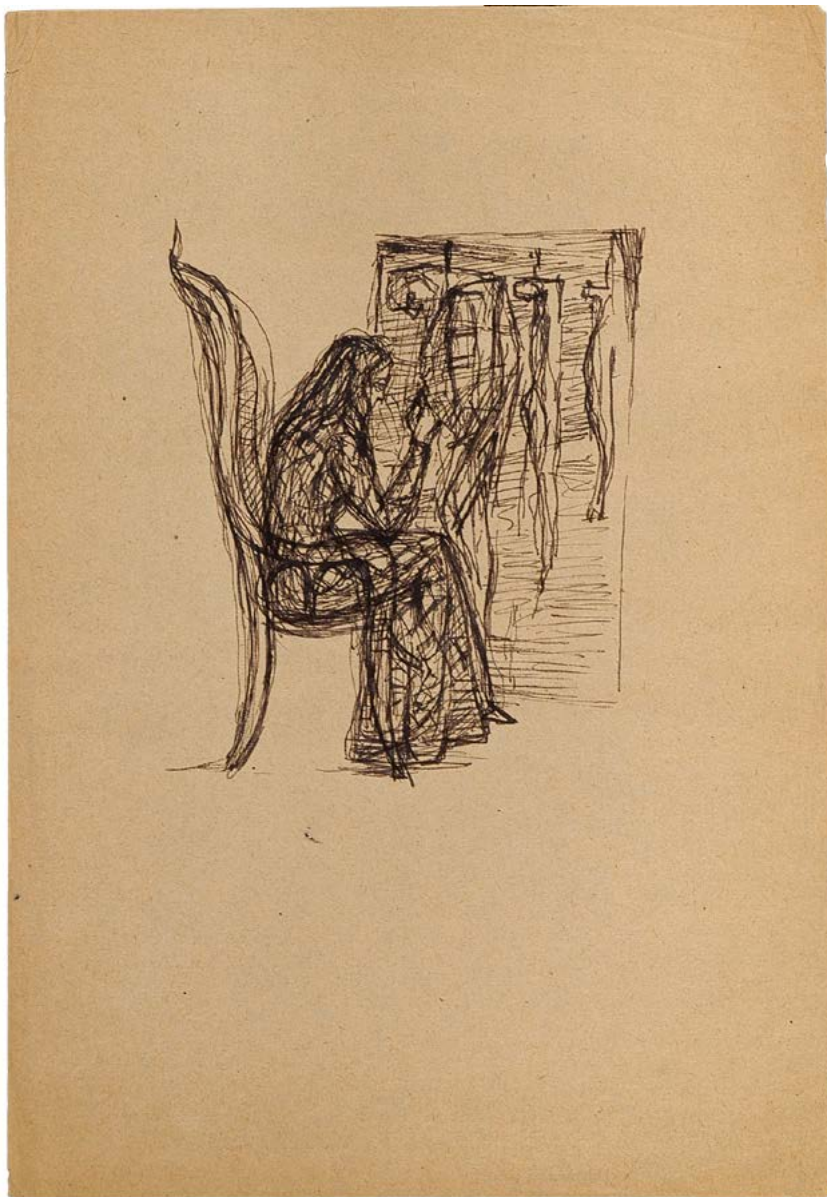


# ARPAD

PRESS KIT • 09.2026

*Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva*

MUSEU ARPAD SZENES  
VIEIRA DA SILVA



Arpad Szenes, *Marie-Hélène peignant les pendus*, c. 1944. Água-forte sobre papel Arches, 23,5 x 35,5 cm.  
Col. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

### 3.º CICLO EXPOSITIVO DO MASVS REVISITA A OBRA DE ARPAD SZENES

Inaugurada a 20 de setembro, **ARPAD**, a exposição que marca o 3.º Ciclo Expositivo do Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva, revisita o trabalho de Arpad Szenes, uma obra singular e maior; uma fonte luminosa que ficou na sombra por uma causa maior. Revela-se a outra metade de Vieira: experimentalista, permanentemente apaixonado pelos outros e pelas coisas no mundo, o homem que atravessou duas Guerras Mundiais, nunca perdeu, bem pelo contrário, a sua candura e a sua infinita curiosidade; a liberdade como mote de vida e como mapa para a obra; depois da grande exposição dedicada ao artista no MASVS em 2007, a obra volta a ser considerada, com peças de pequena e média escala, muitas surpresas, várias inéditas, entre desenho, gravura e pintura.

A programação paralela acompanha este ciclo expositivo, promovendo encontros, conversas e atividades que ampliam a experiência da exposição e criam espaços de diálogo entre arte, pensamento e comunidade. Através de diferentes formatos e vozes, estas iniciativas propõem novas formas de aproximação às obras e aos temas que atravessam a programação do museu, destacando-se, entre elas, o ciclo de conversas *CERZIR*, na Casa-Atelier, com curadoria e moderação de Marta Espiridião.

A inauguração contará com uma performance do coreógrafo e performer Volmir Cordeiro, apresentada no âmbito da parceria entre a Fundação, a Embaixada de França em Portugal e o Institut Français du Portugal.

A exposição **ARPAD** estará patente no Museu Arpad Szenes-Vieira da Silva até 24 de janeiro de 2027.



Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes, 1949, atelier do Bd. St. Jacques, Paris.  
Fotografia Denise Colomb.

## ARPAD

Húngaro de nascimento, francês por naturalização e português de coração, Arpad Szenes foi, em vida, um artista muito amado, mas é hoje, ainda, para a generalidade do público, relativamente mal conhecido.

Companheiro por mais de cinco décadas da pintora Maria Helena Vieira da Silva, com quem viveu em idílio permanente, permaneceu, enquanto artista, também por vontade própria, em segundo plano, em parte por virtude da obra de Vieira ter conhecido desde o começo da década de 1950 - quando finda a Segunda Grande Guerra, o casal regressa à Europa depois de um exílio no Brasil - um fulgurante reconhecimento e, a partir de então, uma sempre crescente atenção crítica e visibilidade pública.

Paradoxal situação, se considerarmos que na vivência quotidiana e social de ambos, Vieira era a sombra e Arpad era a luz, Vieira o silêncio e Arpad a palavra.

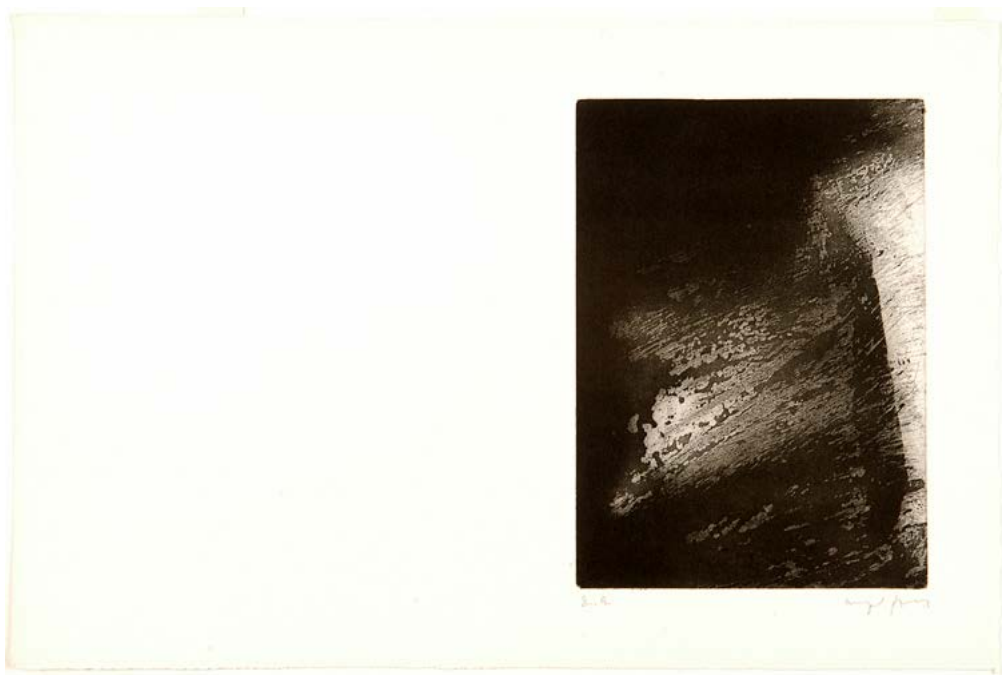
Quando pensamos na sua recepção, devemos considerar também que a obra de Arpad não é fácil de abarcar com um só olhar, nem é de fácil classificação. Subtil; diversa nos géneros, suportes, materiais, formatos e temas; prolífera; rizomática no desdobramento em múltiplas séries; imensa e íntima no desenho, intensa e breve na gravura, vasta e profunda na pintura.

*ARPAD* segue-se a várias outras exposições realizadas no MASVS, nomeadamente em 2007, em que foi possível conhecer de forma diacrónica e ampla a obra do artista húngaro.

Vinte anos volvidos, aquilo que caracteriza a presente exposição, e de certa forma distingue, é o modo como foi pensada e construída, menos a partir de um olhar retrospectivo e mais como visão prospectiva.

O repto lançado ao visitante é de descobrir Arpad como se pela primeira vez víssemos as suas obras, como se fosse um artista jovem, nosso contemporâneo. A exposição integra obras que perfazem um arco temporal amplo, entre 1920 e a década de 1980, umas mais conhecidas outras menos, e podemos nela descobrir duas coisas, aparentemente contraditórias: a par de um natural amadurecimento, dir-se-ia técnico, emocional e filosófico, o percurso da exposição também revela um homem que não quis deixar desvanecer a criança dentro de si, que se treinou para ir olhando o mundo, as pessoas, os outros seres vivos, a natureza sempre com encanto e candura, apesar de ter vivido dois conflitos mundiais e de ter testemunhado, demasiadas vezes, a morte de perto.

Integrando pequenos e médios formatos, deixando de fora as grandes pinturas da década de 1970, recentemente vistas no Museu, a exposição revela-nos um Arpad caleidoscópico, empático, poético, virtuoso, desejoso de sorver a realidade, de a transformar e de a oferecer aos outros, a nós.



## ARPAD SZENES

### *Gravuras*

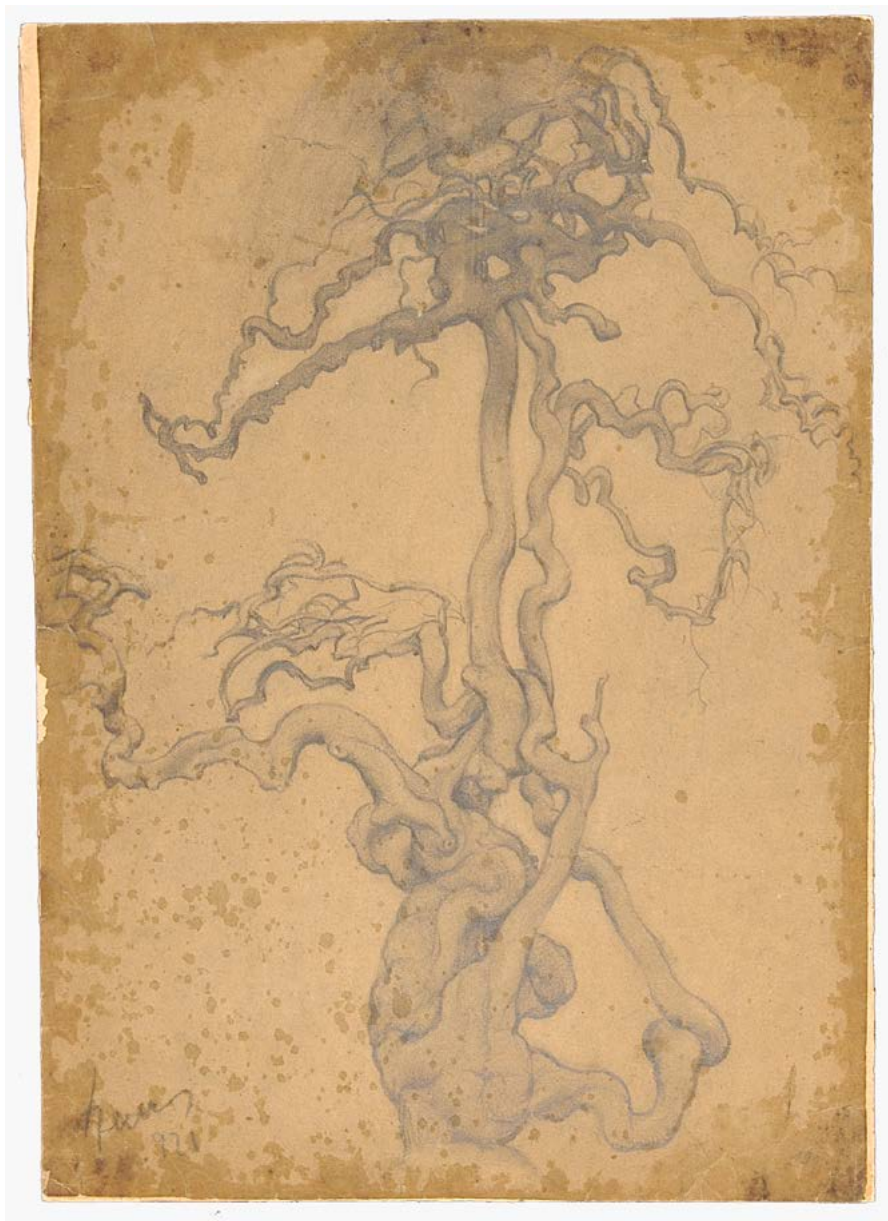
À semelhança de Vieira da Silva, também Arpad Szenes dedicou considerável tempo e energia à prática da gravura que surge cedo no seu percurso, logo a partir de 1931 no contexto do Atelier 17, criado em Paris pelo gravador britânico Stanley William Hayter, um espaço de aprendizagem das diferentes técnicas de gravura, alinhado com a indómita vontade de experimentar própria aos artistas modernistas.

Como tantos outros artistas da sua geração, por exemplo Yves Tanguy, Max Ernst, Alberto Giacometti, Juan Miró ou Vieira da Silva, Arpad frequentou o Atelier 17 durante quase toda a década de 1930.

A produção gráfica de Arpad situa-se, salvo exceções, em dois grandes períodos de cerca de dez anos: entre 1931 e 1939, e durante a década de 1970 e princípio dos anos 1980.

As obras apresentadas, produzidas a partir de diferentes técnicas como a água-forte, a água-tinta e a litografia, foram concebidas e realizadas para acompanhar poemas de diferentes escritores, tais como Claude Esteban (*Dans le vide qui vient*, 1976), Jocelyne François (*Savoir du Vulcain*, 1978), Jacques Bussy (*Les bains célestes*, 1981) e Lorand Gaspar (*Sefar*, 1983).

Ecoando a poética das pinturas que celebrizaram Arpad Szenes, estas impressões remetem para uma sensibilidade e uma estética da paisagem de inspiração Extremo-Oriental, em que a fluidez do gesto e da mancha dá corpo à ligação ancestral entre artista e natureza.



*L'arbre noeux*, 1921. Grafite sobre papel colado sobre cartão, 49,8 x 35,8 cm.  
Col. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

## SIMBOLISMOS

### *O artista guardião de uma luz que desvanece*

Como muitos outros artistas nascidos no dealbar do século XX, Arpad Szenes é herdeiro do espírito «*fin de siècle*», como se convencionou chamar ao período que decorreu, sensivelmente, entre 1880 e 1895, sobretudo na Europa Central e do Norte.

Para um amplo sector da comunidade artística, foram tempos profundamente marcados pela atmosfera sombria que caracterizou a Revolução Industrial e o capitalismo nascente - um sentimento de desespero e desesperança no projecto humanista que durante tantos séculos se constituiu como a coluna vertebral da civilização europeia, que aqui parecia ter chegado ao fim -, e, em contraste, por um sentimento de esperança no advento de uma nova era em que as mulheres e os homens atingissem a sua emancipação espiritual.

Na pintura, esta sensibilidade simbolista, que se consubstanciou numa miríade de visões, caracterizou-se por estar a meio caminho entre figuração e abstracção, pela fusão entre o corpo humano e a natureza, pela valorização dos sentidos através da procura de uma correspondência entre a cor, a luz e o som (conhecida como sinestesia), pela importância da dança como arte do movimento, em particular a Eurytmia, criada em 1912 nos círculos antroposóficos para expressar visualmente os sons da fala e da música, e pela importância da contemplação no processo criativo.

As obras de Arpad que integram este núcleo e que ecoam este estado de espírito são relativamente tardias mas confirmam a persistência da estética simbolista e dos valores a ela associados. Nelas, detectamos a influência de alguns movimentos espiritualistas do final de século, como a Teosofia ou a Antroposofia, assim como de alguns dos mais influentes artistas desse tempo, tais como Odilon Redon, Wassily Kandinsky ou Piet Mondrian.



*La forêt*, c. 1920. Tinta-da-china sobre papel, 30 x 21,5 cm.  
Col. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

## A OBRA AO NEGRO

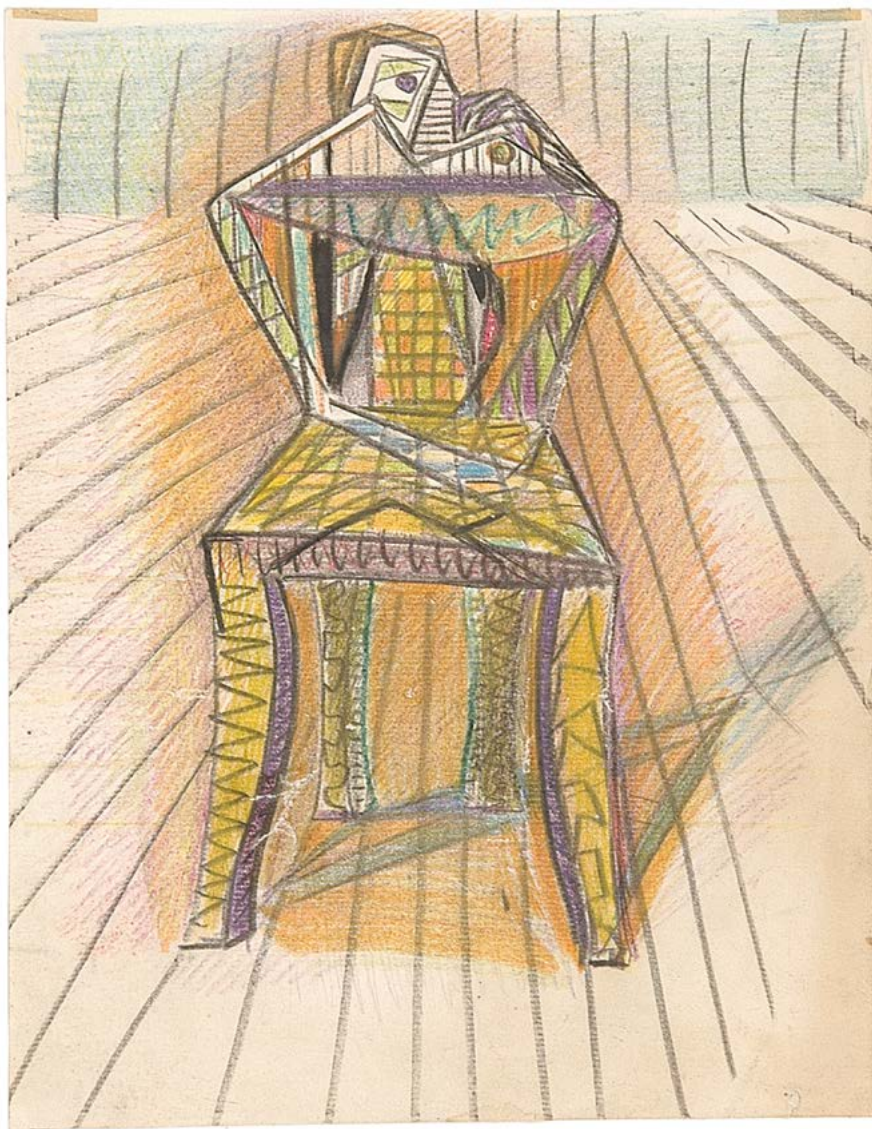
### *Paisagens interiores no abismo da história*

Arpad atravessou duas guerras na sua vida. A Primeira Grande Guerra, cujo epicentro se situa exactamente na região de onde Arpad é originário (no seio do poderoso e politicamente influente Império Austro-Húngaro), onde vivia à altura da eclosão do destrutivo conflito, marcou e acelerou com visível gravitas o fim da inocência e a entrada na idade adulta do jovem aspirante a pintor.

Arpad fez o serviço militar na cavalaria mas o seu papel na Guerra prende-se com os seus dotes precoces de desenhador («desde muito pequeno eu desenhava, desenhava e toda a gente dizia que um dia tornar-me-ia num grande pintor»). De facto, quando o conflito armado eclode, Arpad foi enviado para Zagreb para fazer o retrato de jovens soldados mortos em combate. Arpad foi desmobilizado da Guerra logo após a morte do pai, Károly Szenes, no ano de 1916, após uma visita à caserna onde cumpria o serviço militar. Este trágico acontecimento ter-lhe-á salvado a vida, uma vez que estava prestes a ser enviado para a frente de combate mais violenta.

Datam do começo da década de 1920 uma série de trabalhos, sobretudo sobre papel, que se distinguem pela dominância do negro, a Tinta-da-China ou a carvão. É, de longe, a fase mais sombria da obra de Arpad, ressoando os despojos da guerra, quer na sua aparência exterior, através da sugestão de florestas calcinadas, quer interior, através dos belos e terríveis auto-retratos que realiza nesse período.

O desencanto só se apoderará novamente da sua obra nos anos imediatamente anteriores à Segunda Grande Guerra e, de forma menos evidente, no subsequente período de exílio no Brasil, durante o conflito mundial. São disso testemunho as séries «Hommes-trompettes», «Fanfarres - Guerriers» e «Combats (Guerriers)», e também alguns desenhos esparsos, nomeadamente quando representa Vieira a fazer as suas pinturas sobre o tema da guerra.



*Le Couple*, 1932. Lápis de cor sobre papel, 27 x 21 cm.  
Col. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

## METAMORFOSES DE TODAS AS SORTES

### *Renascer pela transformação*

Omnipresente ao longo de toda a história da humanidade, o tema da metamorfose, palavra cunhada pelos gregos antigos e inscrita na pedra pelo célebre poeta romano Ovídio, reemerge com fulgor no período entreguerras pelas mãos e pelas vozes de pintores e poetas.

A metamorfose é historicamente uma mudança, definitiva ou provisória, de forma, de natureza ou de género. Para além das metamorfoses gregas de deuses ou deusas em humanos, em plantas, em animais, pedras ou nuvens, e por vezes inversamente, o tema tornou-se presente em nós por via da observação da natureza onde este fenómeno ocorre frequentemente, em particular e com pregoante beleza e estranheza na metamorfose da lagarta em crisálida em borboleta.

Este movimento de transformação de um ser rastejante num ser alado, que adquire a mágica capacidade de voar, simboliza o renascimento e a regeneração (como quando acordamos de um pesadelo), a possibilidade dada de vivermos uma segunda vez, uma segunda vida.

Arpad representará metamorfoses sobretudo durante a década de 1930, no despertar da insanidade da guerra e no tempo da emergência de movimentos artísticos como Dada e o Surrealismo, de que estava próximo nessa altura, interessando-lhe sobretudo a forma como os artistas surrealistas abordaram a natureza humana a partir do inconsciente, do acaso e da linguagem.

A primeira incursão sistemática no tema da metamorfose será através da infindável série «Le Couple», em que o recém-casal, Vieira e Arpad, se une em forma de enlace, num abraço perpétuo. A série de pinturas, desenhos e gravuras sobre o tema é uma celebração do amor que une os dois artistas, claro, mas é também um desenvolvimento puramente pictórico, em sucessivas variações, no sentido musical do termo, uma construção espacial e cromática, mas sobretudo uma «mise en relation», a criação de uma relação entre corpos e objectos (cadeiras, portas, mesas ou cavaletes ou corpos que são objectificados pelo próprio acto de pintar).

Outro conjunto de desenhos e de pinturas particularmente ligado ao tema da metamorfose é a série «Enfants au cerf-volant», um retorno nostálgico ao tempo da infância perdida através da lembrança do vento e do lançamento de papagaios de papel na praia.



*Le Couple*, 1942. Óleo sobre tela, 33 x 23,8 cm.  
Col. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

## CORPOS EM CENA

### *Retratos, (auto)retratos e outras figurações*

Sendo alguém com elevada inclinação para a sociabilidade e um ser iminentemente curioso sobre a natureza humana, não admira que haja muitas pessoas nas obras de Arpad, seja individualmente, seja em grupo. O artista conta que desde muito novo percorria as ruas de Budapeste desenhando tudo e todos os que observava. «O desenho era a minha vida», confessou mais tarde.

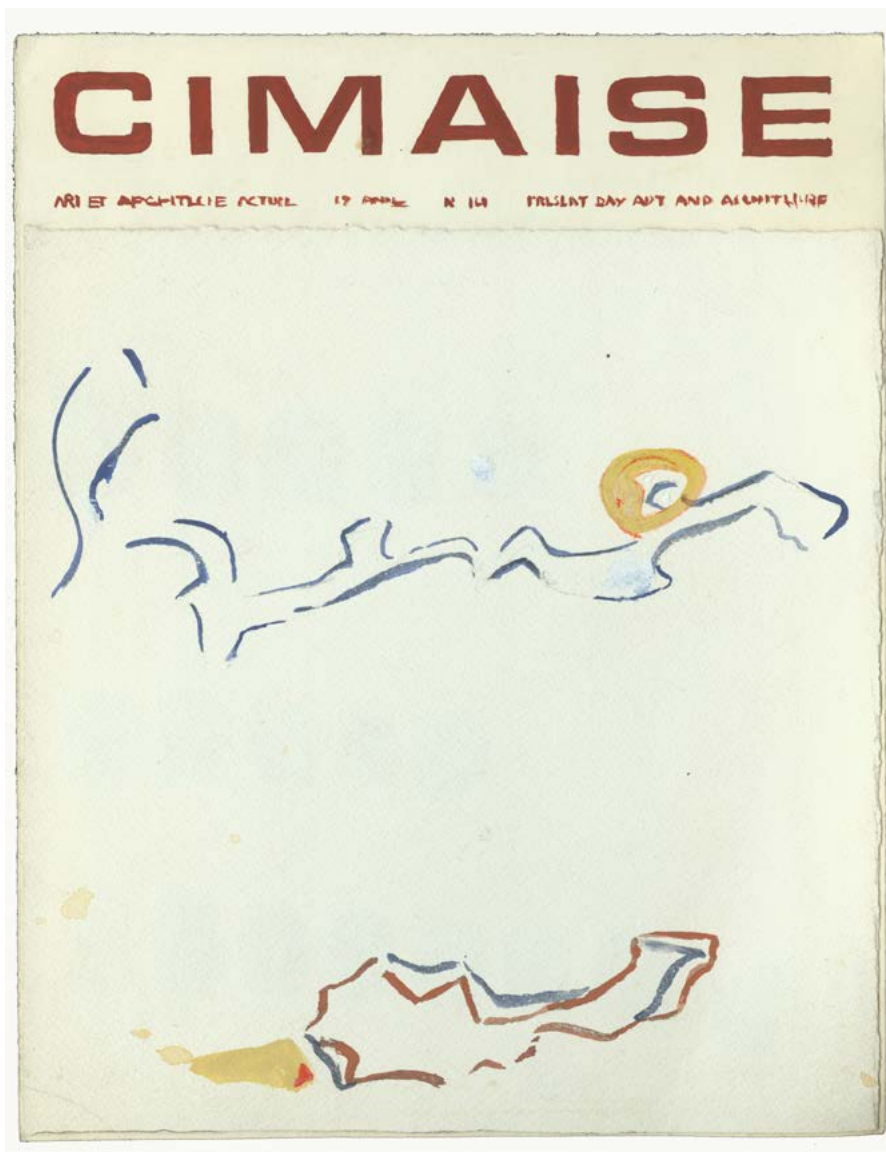
Em primeiro lugar surgem os retratos, naturalmente: são incontáveis no percurso do artista húngaro-francês. Desde logo, os retratos de si próprio, num jogo de introspecção e de sondagem à sua interioridade, à descoberta do(s) outro(s) em si. Há-os de todos os tipos e, qual Rembrandt, percorrem a grande maioria da sua vida. Um em particular, «Autoportrait à la pupille rouge», de 1924-1925, marca o seu percurso e é certamente uma das suas obras mais relevantes, claramente influenciada pelo ideário surrealista.

Depois, os retratos de Vieira da Silva, a companheira de mais de cinco décadas, que observa com curiosidade, fascínio e atenção e que representa nas mais diversas situações do quotidiano: a dormir, a pintar, a posar ou a transformar-se em borboleta. Estes retratos são, para além da dimensão artística, documentos inestimáveis, que nos revelam facetas da enigmática personalidade e presentificam o mundo de silêncio em que Vieira vivia, permanentemente dedicada à descoberta e criação das multidimensões do seu espaço.

Os retratos que Arpad faz ao longo da vida marcam também as diversas etapas que o casal percorreu, os lugares em que viveram e as amizades que cultivaram. No período brasileiro, em particular, o círculo de amigos, que incluía poetas, músicos e artistas, foi prolífero e benfazejo, ajudando a sobreviver à distância de Paris, às saudades da família e à angústia provocada pela guerra que arrasava a Eurásia.

Este núcleo da exposição integra igualmente um tema caro ao modernismo europeu, o tema da «corrida», a tourada à espanhola, a que Arpad associa a tradição popular das danças «sevilhanas» através das pinturas que retratam a bailarina Helba Huara, uma peruana que o casal Arpad/Vieira frequentou na vibrante Paris dos anos 1930. Helba e o seu companheiro, Gonzalo Moré, acolhiem no estúdio de ambos intelectuais e artistas que vivam na capital francesa, como o escultor e pintor húngaro Anton Prinner, e os fotógrafos Willy Maywald e Émile Savitry, entre muitos outros.

De destacar, por último, as representações em que no espaço do papel ou da tela convivem várias figuras em ambientes mais tensos ou mais aprazíveis, como são, respectivamente, os notáveis casos de «Fanfarre II ou Les Guerriers» (1936), e de «Nova Friburgo» (1944) e «Les Acrobates» (1945).



Recherche pour Cimaise, c. 1964. Têmpera sobre papel, 26,9 x 21,1 cm.  
Col. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

## DERIVAS

### *Do desenho e da escrita*

Talvez a apurada e cultivada sensibilidade para o desenho-escrita na obra de Arpad se tenha desenvolvido com as relações que foi mantendo com vários escritores e editores ao longo da sua vida.

Seguramente que também conheceu bem as obras de autores como Guillaume Apollinaire, Henri Michaux e de tantos outros poetas-pintores modernistas que fundiram imagem e palavra, a sós ou em colaborações, como o poeta Blaise Cendrars e a pintora Sônia Delaunay no emblemático livro «La Prose du Transsibérien et de la Petite Jehanne de France» (1913).

Mas importa, igualmente, não esquecer a convivência com pintores oriundos do extremo-orient, como Zao Wou-Ki, para quem o desenho era menos uma forma de representação e mais uma filosofia de vida, como tendo sido uma fonte de inspiração para o pintor húngaro, criado numa tradição europeia.

A verdade é que no seio da sua imensa e poliforme produção em desenho se destaca um segmento de trabalhos em que o diálogo e, ainda mais, a fusão das duas linguagens - o desenho e a escrita - se desdobra em duas tipologias:

1) a proximidade a uma estética extremo-oriental do desenho de paisagem ou de caligrafia, ancorada num prolongado tempo de observação, frequentemente motivado por uma prática meditativa, e uma execução muito rápida, que não dispensa, pelo contrário, um treino continuado. Estes desenhos resultam de um processo de inscrição por repetição de um léxico de gestos que vai criando uma trama ou um rendilhado no espaço da folha que frequentemente sugerem paisagens abstractas;

2) um conjunto de desenhos ou pinturas em que o desenhador reconhece nos signos apostos sobre a superfície, seja o traço seja uma pincelada, uma intenção motivada pelo acaso ou a intuição, fixando essas marcas e dando o desenho como consumado, ainda que inacabado. É o exemplo da pequena pintura a óleo sobre tela de 1979, «La trace du pinceau».

Em 1964, fruto de uma colaboração estreita e duradoura com a Revista Cimaise, focada em temas de arte e arquitectura, que em 1972 dedicou ao artista um importante ensaio da autoria de Jean-Dominique Rey intitulado «Arpad Szenes ou les plages de la mémoire», Arpad realizou um belíssimo conjunto de estudos para a capa de Cimaise, de que aqui apresentamos vários exemplos, em que a palavra se articula em perfeição com a imagem, num refinado ensaio de metapintura.



*Algarve, étude*, c. 1970. Óleo sobre madeira, 24 x 32 cm.  
Col. Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

## IRISDESCÊNCIAS

### *Campos de luz e de cor*

«Pintor da luz e da meditação», como foi apelidado ainda em vida, no auge do seu prestígio e no pico do reconhecimento crítico e público. «Na sua pintura a luz e o espaço estão intimamente ligados», como escreveu Guy Weelen, um dos seus mais próximos cúmplices.

É de entre as muitas facetas de Arpad a que permanece na memória, quando fechamos os olhos e imaginamos a sua obra: os planos atmosféricos, de mar e de céu são, mais do que paisagens, campos de luz e de cor, corpos diáfanos, volumes translúcidos, «o refinamento e a fluidez do gesto», as marcas visíveis do pincel, o traço, a mancha o escorrimento de tinta.

Nas muitas pinturas e desenhos de mancha de Arpad, a memória torna-se matéria e a matéria dilui-se, torna-se aquosa, rarefaz-se, faz-se gesto, realiza-se pelo movimento. Matéria-memória, gesto-memória, mancha-memória.

Com os passar dos anos, a pintura de Arpad esvazia-se de corpos e enche-se de luz, de matéria e de vazio. Doravante, só o essencial lhe interessa. A natureza, o mundo geológico, a areia da praia, o mar, o céu, as nuvens, o vento tornam-se o singelo ecrã onde se vai projectar a sua abertura total ao mundo do sensível.

Nunca na obra de Arpad como nas duas últimas décadas do seu percurso, a pintura esteve tão próxima da linguagem, isto é, a pintura torna-se a linguagem mesma, uma forma sincrética de dizer o mundo, de nomear o real tornando-o concreto. A linguagem como forma de nomear e de traduzir a percepção da realidade vivida e imaginada.

Se os ventos das praias da Costa de Caparica lhe haviam reavivado as memórias de infância do voo dos papagaios de papel - símbolo de uma imaginação tonitruante e indomável-, foi então, na antecâmara do inverno da sua vida, a sensação do vento no rosto e no cabelo, a sensação da areia movediça sob os pés, e a compreensão total da percepção desses fenómenos que o artista quis projectar na superfície pintada.

“Uma realidade percebida de forma demasiado viva”, para parafrasear o poeta simbolista belga Georges Rodenbach.



Arpad Szenes, Rio de Janeiro, c. 1940-1947.  
Arquivo Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva

## Arpad Szenes

Budapeste, Hungria 1897 - Paris, França, 1985

Arpad Szenes nasce em Budapeste, na Hungria, no seio de uma família que frequentava o meio cosmopolita, intelectual e artístico. Revela, desde criança, uma especial aptidão para o desenho. Em 1918, frequenta a Academia Livre de Budapeste onde o ensino é avançado e liberal. O seu professor, Rippl Ronai, revela-lhe a arte francesa anterior à Guerra. Descobre a música de Bartók e de Kodály e a arte de vanguarda de Lajos Kassák, ligado ao movimento Dada. Fixa-se em Paris em 1925. Em 1929, na Academia da Grande Chaumiere, conhece Maria Helena Vieira da Silva, com quem casa em 1930. Em 1931, inicia-se na gravura no Atelier 17 de Hayter, onde contacta com os surrealistas Miró, Tanguy e Max Ernst, entre outros, que marcam esta fase da sua obra. Em 1939 instala-se temporariamente em Lisboa, até partir para o Brasil com Vieira da Silva, em 1940. A sua pintura torna-se mais íntima e familiar e as dimensões reduzem-se. No Brasil, Szenes organiza um atelier de pintura para jovens artistas e colabora em várias publicações periódicas.

De regresso a França, em 1947, a sua obra, tendo cumprido ciclos sucessivos de evolução, centra-se nas sensações da luz e na exploração da atmosfera, caracterizando-se por formatos estreitos, que revelam uma delicadeza espacial sugerida pela arte japonesa. Em 1956, obtém a nacionalidade francesa. Os anos 60 são de discreta consagração: aquisição de obras suas por museus franceses, exposições individuais em França e no estrangeiro, condecorações pelo Estado francês. A partir de 1970 são organizadas várias retrospectivas da sua obra em França e em Portugal (Fundação Calouste Gulbenkian). Voluntariamente retirado para segundo plano, em favor de Vieira da Silva, Szenes foi um dos melhores representantes da Escola de Paris.



## Nuno Faria

Nasceu em Lisboa em 1971.

É professor na Escola Superior de Design das Caldas da Rainha.

Trabalhou no Instituto de Arte Contemporânea do Ministério da Cultura de Portugal (1997-2003) e na Fundação Calouste Gulbenkian (2003-2009). Viveu e trabalhou no Algarve entre 2007 e 2012, onde fundou (em Loulé, em 2009) o projecto Mobilehome - Escola de Arte Nómada, Experimental e Independente. Em 2012-2013 foi-lhe atribuído o Prémio de Crítica e Ensaística de Arte e Arquitectura AICA/Fundação Carmona e Costa. Foi diretor artístico do Centro Internacional das Artes José de Guimarães, em Guimarães (2013-2019) e do Museu da Cidade do Porto (2019-2022).

Ao longo de 20 anos, como curador, trabalhou com artistas de várias gerações, portugueses e estrangeiros, em contexto institucional e independente, em localizações centrais e mais periféricas, em Portugal e no estrangeiro.

Em 2024 foi nomeado director do Museu Arpad Szenes — Vieira da Silva, em Lisboa.



## Arpad Szenes-Vieira da Silva Foundation

O imaginário de Vieira da Silva foi preponderante não apenas na escolha do lugar para instalar a Fundação, como também na respetiva conceção arquitetónica. A ideia inicial de reabilitar a casa do Alto de São Francisco deu lugar à opção de adaptar o edifício da antiga Fábrica de Tecidos de Seda, na Praça das Amoreiras, cedido pela Câmara Municipal de Lisboa para essa finalidade.

A Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva foi criada para, de forma exigente e bem documentada, empreender o estudo e difundir o conhecimento da obra de Vieira da Silva que pode ser considerada a mais destacada artista plástica nascida em Portugal no século XX, assim como a do seu marido, Arpad Szenes. Baseando-se no objetivo de enquadrar histórica e esteticamente a produção dos dois artistas, a Fundação apresenta, regularmente, exposições temporárias de outros artistas, nacionais e internacionais, que com eles conviveram ou partilharam afinidades artísticas.

O programa museológico pretende ser dinâmico e inovador, pensado para tornar a Fundação Arpad Szenes-Vieira da Silva num museu de referência da obra dos artistas e corresponder condignamente a novos desafios. Fomentando os projetos e as atividades paralelas, mantendo o parâmetro de qualidade que tem regido a sua atuação, inclui-se na programação, sempre que possível, exposições e projetos de artistas mais novos, em parceria ou intercâmbio com outras instituições. A programação, no museu, mas também na organização ou participação de exposições no estrangeiro e em Portugal, tem também por objetivo situar a obra de Arpad Szenes e de Vieira da Silva no panorama da arte nacional e internacional.

*Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva*

MUSEU ARPAD SZENES  
VIEIRA DA SILVA

### **Morada**

Museu Arpad Szenes – Vieira da Silva  
Praça das Amoreiras, 56  
1250-020 Lisboa

### **Site**

<https://www.fasvs.pt>

### **Instagram**

@museuarpadszenesvieiradasilva

### **Bilheteira**

Bilhete: 7,50 €

Bilhete reduzido: 4,00 €

Cartão de professor, Sénior +65 anos, Lisboa Card.

Entrada gratuita:

Residentes em Lisboa, jovens até aos 25 anos de idade, aos Domingos, Cartão Círculo Vieira & Arpad, acompanhante de pessoa com deficiência ou mobilidade condicionada, desempregados, membro ICOM, APOM, ICOMOS, AICA e Carteira de Jornalista.

### **Horários**

Segunda-feira: Encerrada

Terça – domingo: 10h00 – 18h00

### **Acessibilidade**

O museu está preparado para pessoas com mobilidade reduzida, dispondo de rampas de acesso e elevador.

### **Como chegar**

Automóvel

Zona central de Lisboa: Jardim das Amoreiras

Estacionamento pago disponível na rua

Transportes públicos

Metro: saída na estação do Rato

Autocarro/Elétrico: 19B, 706, 709, 720, 727, 738, 758 (paragem: Rato); 713, 774 e 24E (paragem: Jardim Amoreiras)

### **Assessoria de Imprensa | O Apartamento**

Vasco Águas

[vascoaguas@oapartamento.com](mailto:vascoaguas@oapartamento.com)

+351 964 869 001

[Download press kit](#)